

**ENTRE SENGHOR E CHEIKH ANTA, ENTRE A  
HISTÓRIA E A NAÇÃO: UMA REFLEXÃO  
SOBRE A IDEIA DE UM ESTADO FEDERAL  
PARA A “ÁFRICA NEGRA” (1960)**

**BETWEEN SENGHOR AND CHEIKH ANTA,  
BETWEEN HISTORY AND NATION: A  
THOUGHT ABOUT THE IDEA OF A FEDERAL  
STATE FOR "BLACK AFRICA" (1960)**

**CAMILLE JOHANN SCHOLL \***

**Resumo:** Este trabalho tem como proposta realizar uma investigação acerca das divergências entre dois intelectuais africanos: Leopold Senghor e Cheikh Anta Diop. Pretendeu-se refletir sobre os embates entre os dois no plano político a partir de duas obras publicadas em 1960: “Um caminho do socialismo”, por Léopold Senghor, e “África Negra: as bases econômicas e culturais de um estado federal”, por Cheikh Anta Diop. A investigação traz a proposta de um estudo comparativo entre elas, enfocando as distintas interpretações sobre a história a respeito do continente africano, assim como as diferentes definições para o conceito de nação, o que desembocou em diferentes percepções e projetos acerca da constituição de um estado federal para a África Negra.

**Palavras-chave:** História da África, Léopold Sédar Senghor, Cheikh Anta Diop.

**Abstract:** This paper intends to investigate the divergences between two African intellectuals: Leopold Senghor and Cheikh Anta Diop. It was intended to reflect on the clashes between the two in the political sphere from two works published in 1960: “A path of socialism”, by Léopold Senghor and “Black Africa: the economic and cultural bases of a federal state”, by Cheikh Anta Diop. The study brings the proposal of a comparative study between them,

---

*Artigo recebido em 26 de março de 2018 e aprovado para publicação em 21 de maio de 2018.*

\* Doutoranda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES. (E-mail: mille\_js@hotmail.com).

focusing on different interpretations about the history of the African continent, as well as the different definitions for the concept of nation, which resulted in different perceptions and projects about the constitution of a state federal to Black Africa.

**Keywords:** African History, Léopold Sédar Senghor, Cheikh Anta Diop.

Este escrito busca refletir acerca das divergências intelectuais entre Leopold Sédar Senghor e Cheikh Anta Diop, pensando os embates entre os dois no plano político com vistas a problematizar que o substrato de sua dissensão residia em distintas interpretações sobre história e, conseqüentemente, diferentes definições para o conceito de nação. Para tal a análise se ancora no estudo de dois textos, ambos com caráter de manifesto político, escritos no ano de 1960: “Um caminho do socialismo”, de L. Senghor, e “África Negra: as bases econômicas e culturais para um estado federal”, de Cheikh Anta.

### O “Senhor” e o “Sheik”

“Si tu regardes ton enfant; tu verras ses questions avant de les entendre”<sup>1</sup>, provérbio Serere, grupo tradicional do Senegal, que, traduzido para o francês, língua comum nesse país por conta de sua colonização, significa “se você olhar para o seu filho, você verá suas perguntas antes de ouvi-las”. Entre os Serere de Joal, cidade cristã de influência lusa, foi criada uma das figuras mais representativas da política do Senegal na atualidade: Léopold Sédar Senghor.

Dito “Pai” da Negritude, foi o primeiro africano a completar uma licenciatura na universidade de Paris, local de onde começou uma ampla obra poética, constituindo-se como conhecido poeta propulsor da Negritude e como político, dentro da Assembleia Nacional Francesa (1948-1958), e posteriormente no Senegal independente, como Presidente (1960-1980)<sup>2</sup>.

Esse “pai”, tal como o provérbio tradicional profere, foi aquele que tomou para si mesmo a tarefa de “desvelar a alma negra” e, como pai, “ver as perguntas antes de ouvi-las”, ou seja, a partir de uma compreensão do que ele designou como cultura negro-africana, saber conduzi-la para seu “destino histórico”.

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://wolofmujeressenegal.wordpress.com/frases-dichos-y-proverbios-wolof/>> acesso em 26 de março de 2018.

<sup>2</sup> MARTIN, Nicolas. *Senghor et le monde: la politique internationale du Sénégal*. Paris: Afrique biblio club, 1979.

Já os Wolof, grupo maioritário do Senegal, poderiam vociferar outro provérbio em língua tradicional: “Guitaj lumu yag yag si biir dék du sopaliku muk yessik”<sup>3</sup>, tendo como tradução “por mais anos que um pedaço de madeira permaneça flutuando na água, jamais se converterá em crocodilo”, ou seja, uma crítica a esse intelectual e político, que, apesar de ter nascido serere, tomou ao longo da vida uma posição francófila e lusófila, ou seja, por mais que Senghor tenha permanecido por muitos anos “flutuando” nas águas das políticas anticoloniais, nunca foi um “crocodilo”, ou seja, nunca foi de fato contra o colonialismo.

No seio dos Wolof nasce outra figura de grande representatividade intelectual, Cheikh Anta Diop, criado entre as elites de prática religiosa muçulmana na região de Diourubel. Inicia os estudos nas escolas muçulmanas e constrói-se, na França, como polímata, formado em Física e diletante da Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egíptologia e Antropologia. Autor de uma vasta obra que teve como projeto político a luta contra o colonialismo e a promoção das línguas africanas, tomou posições radicais e combativas ao ser o primeiro a defender, na França, a tese da origem negra do Egito e da unidade da África Negra<sup>4</sup>.

Senghor e Cheikh Anta, duas trajetórias de vidas contemporâneas repletas de enfrentamentos políticos e querelas intelectuais<sup>5</sup>. Homens nascidos na antiga colônia francesa do Senegal nos primeiros anos do século XX, formados pelas mais renomadas universidades francesas, esses homens chegaram aos espaços mais altos da vida pública em seu país, muito embora tenham emergido em contextos muito distintos – um serere e o outro wolof, um católico e outro muçulmano.

Representam, em suas respectivas posições, a complexidade e os paradoxos dessa região da África Ocidental e de seu processo histórico. Sobretudo, os dois protagonizaram os maiores embates ideológicos nas políticas em debate nos movimentos pelas independências africanas e na constituição de estados pós-coloniais a partir do contexto da África Ocidental Francesa.

---

<sup>3</sup> Disponível em <<https://wolofmujeressenegal.wordpress.com/frases-dichos-y-proverbios-wolof/>> acesso em 26 de março de 2018.

<sup>4</sup> DIALLO, Alfa O.; SANTOS, Cíntia. Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano. *Revista Ciência e letras*, Porto Alegre, n.44, jul/dez 2008, pp. 115-24.

<sup>5</sup> TINE, Antoine. “Léopold Senghor et Cheikh Anta Diop face au panafricanisme: deux intellectuels, même combat mais conflit des idéologies?” In: BAH, Thierno (org). *Intellectuels, nationalisme et idéal panafricain. Perspective historique*. Dakar: CODESRIA, 2005, p. 129-157.

## A divergência política entre Senghor e Cheikh Anta: o retorno da França ao Senegal (1960)

O ano de 1960 é fundamental para compreender as divergências políticas entre Leopold Senghor e Cheikh Anta Diop. É quando há o retorno definitivo desses homens para sua terra natal, demarcado pela proclamação da independência com descolonização do Senegal<sup>6</sup>. Foi o início de uma fase de intensa atividade política para esses homens, trajetórias de muitos enfrentamentos e pouca possibilidade de diálogo.

Os embates se iniciam em 1960 e são demarcados pela publicação de seus respectivos manifestos políticos, “Um caminho do socialismo” e “África Negra: as bases econômicas e culturais de um estado federal”. Esses dois escritos são perpassados pela experiência frustrada da constituição da Federação do Mali.

A independência da Federação do Mali foi proclamada a 20 de junho de 1960. Produto de uma negociação do deputado do Parlamento Francês, Leopold Senghor, a independência é aclamada no ambiente democrático metropolitano. A Federação do Mali abarcou as antigas colônias francesas do Senegal e do Sudão Francês. Teve a duração de dois meses e terminou por divergências políticas, sobretudo em torno da eleição presidencial marcada para o final daquele ano. Senghor e Modibo Keita, os principais líderes dos estados federados do Senegal e Sudão, se separam<sup>7</sup>.

A Assembleia Legislativa senegalesa, reunida a 25 de agosto, adota uma nova constituição e anuncia a independência do país. Em 5 de setembro, Léopold Senghor é eleito pelo parlamento presidente da República do Senegal, cuja Lei Constitucional baseava-se no modelo francês de 1946, em que o Presidente da República é o Chefe de Estado mas o governo é exercido pelo presidente do Conselho de Ministros – Mamadou Dia<sup>8</sup>.

Devido à independência, Cheikh Anta Diop retorna ao Senegal e é incorporado à Universidade de Dakar. Sua sede e refúgio foi o Laboratório de Radiocarbono, criado por ele em seu retorno. É importante ressaltar que o ano de 1960 foi de suma importância para Cheikh Anta, que teve sua tese “Nações Negras e cultura” aceita pela Universidade de Paris, depois de quase uma década de sua defesa. Nela, o autor argumentava sobre a origem negra

---

<sup>6</sup> SMITH, Andrew W. M.; JEPPESEN, Chris (org). *Britain, France and the Decolonization of Africa: Future Imperfect?*. London: UCL Press, 2017, 254 p.

<sup>7</sup> MARTIN, Nicolas. *Senghor et le monde: la politique internationale du Sénégal*. Paris: Afrique Biblio Club, 1979.

<sup>8</sup> *Idem*.

do Egito Antigo, ideia central do seu projeto de vida, que será desenvolvido e aprofundado dentro do Laboratório na Universidade de Dakar<sup>9</sup>.

Senghor, vinculado ao governo do Senegal independente, e Cheikh Anta, atuante na Universidade de Dakar, enfrentam-se na arena intelectual e política. Senghor foi criador do Bloco Democrático Senegalês (BDS), que tinha como pauta “atribuir tonalidades africanas ao socialismo”, e se transformará no período das eleições presidenciais na “União Progressista Senegalesa” (UPS). A oposição era formada pelo BMS, Bloco de Massas Senegalesas, que Cheikh Anta integrava e que foi considerado ilegal e dissolvido<sup>10</sup>.

Para além do cenário político partidário, a divergência entre os dois se configurava mais profundamente em suas concepções sobre a “cultura negra” ou “cultura africana”, definições estas que são o substrato para pensar a prática política não só no Senegal independente, mas perante as outras colônias em África que estavam conquistando independência política e descolonização.

O embate entre Senghor e Anta Diop está registrado nos primeiros manifestos políticos escritos e publicados no contexto de 1960. A análise que cruza esses dois textos evidencia o cerne de suas divergências no plano político e histórico-cultural ao mesmo tempo em que apresenta também, paradoxalmente, algumas convergências, muito embora estas não sejam suficientes para proporcionar o diálogo e superar o conflito aberto, que ao longo dos anos vai sendo levado mais ao nível pessoal do que político-partidário, principalmente após a prisão de Cheikh Anta Diop em 1962<sup>11</sup>.

### **A opção federativa para qual “África Negra”? Os textos de Senghor e Diop**

“Um caminho do socialismo” (“Nation et voie africaine du socialisme”) produzido por Léopold Senghor é composto de um prólogo e quatro partes. Sua primeira edição foi escrita ao longo de 1960, pois seu prólogo é assinado em 31 de dezembro de 1960, sendo possível inferir, pelo conteúdo, que o texto foi escrito ao longo da experiência da Federação do Mali e sua dissolução. As partes que têm como títulos “Nacionalidade”, “A vontade de ser nação” e “Realizar-se como Nação” são capítulos que o autor desenvolve entrelaçando uma discussão

<sup>9</sup> BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000.

<sup>10</sup> MARTIN, Nicolas. *Senghor et le monde: la politique internationale du Sénégal*. Paris: Afrique Biblio Club, 1979.

<sup>11</sup> Muito embora o conflito ideológico seja visível, Barry (2000, pp. 27-8) vai apresentar que “Mas Senghor evitará até o fim o confronto com Cheikh Anta Diop, que foi consagrado pelo Festival das artes negras, por ele organizado para celebrar a negritude, como o intelectual africano que mais teria marcado sua geração.”

teórica com o processo de construção de uma federação de estados africanos de antiga colonização francesa.

A última parte, “O Caminho Africano do Socialismo”, destoa das outras pois apresenta uma reflexão muito mais voltada para pensar a teoria de Marx e a via do “Socialismo Utópico” no contexto africano. A reflexão desemboca numa análise voltada às questões culturais que se relacionam com a concepção do autor de uma “África Negra”. Pode-se inferir que esse último texto foi escrito posteriormente, pois não faz menção à questão da federação composta por estados africanos e volta-se muito mais para a questão das “independências” em termos culturais e políticos e da democracia.

Já a obra “África Negra: as bases econômicas e culturais de um estado federado” (“Les fondements économiques et culturels d’un Etat fédéral d’Afrique Noire”), escrito por Cheikh Anta Diop e publicado pela primeira vez em 1960, tem como cerne pensar a solução política de uma federação de estados para uma “África Negra”. A obra é uma espécie de manifesto político e tem como objetivo apresentar uma solução para a organização política dos estados africanos que conquistaram suas independências e para catalisar aqueles que estão em processo de descolonização.

Dividida em três segmentos, a primeira parte tem como título “A unidade histórica: a restauração da consciência histórica africana”, na qual o autor apresenta a sua tese de que haveria um substrato cultural único para a África Negra, que teria suas origens culturais na civilização egípcia clássica. A partir disso, defende que os processos políticos correntes durante a época deveriam ser pautados por uma tomada de consciência dessa história.

Essa parte estrutura-se em seis capítulos, nos quais o autor defende um “Mundo Negro”, uma “Unidade linguística”, uma “Unidade política e o federalismo”, a “Posição privilegiada da África ocidental” e, nos capítulos cinco e seis, apresenta “uma nova estratégia” e o “bicameralismo”, que seria o modelo pelo qual o estado federado da África Negra deveria se organizar, pautado pelo modelo político “histórico” ou “tradicional” defendidos na tese do autor.

Já no segmento dois e três, o autor faz uma análise das soluções econômicas para o desenvolvimento dessa “África Negra”, unida e organizada politicamente. O cerne das soluções práticas propostas pelo autor está na exploração dos recursos energéticos.

Na parte dois, apresenta um estudo detalhado denominado “Compêndio das fontes de energia”, pensando os recursos hidráulicos, solares, atômicos, termonucleares, eólicos, marítimos, formas de aproveitar a energia térmica do mar, energia vulcânica e geotérmica. Na

parte três faz uma reflexão a respeito da industrialização da África Negra, pensando como esse grande estado federado poderia se organizar em blocos menores levando em consideração seus recursos naturais e sua cultura. Elenca esses conjuntos e pensa as formas de transporte.

Por fim, o autor conclui com uma análise a respeito de como operar com os investimentos necessários para a realização desse projeto, a necessidade de pesquisas científicas e os passos necessários para alcançar a “Unidade Africana”. Pode-se ver que o autor mobiliza todos os seus conhecimentos como físico relacionados à sua tese sobre a África Negra e as origens negras da civilização egípcia – que dão o substrato para pensar a Unidade Africana – realizando uma espécie de “projeto científico”.

A forma e a estrutura dos respectivos e contemporâneos textos de Senghor e Diop mostram os locais a partir dos quais os autores falam e seu *métier*. Senghor situa-se como político em plena atividade, ao mesmo tempo em que se coloca como um intelectual socialista e poeta. Cheikh Anta apresenta-se como um cientista que fala de dentro da Universidade com moldes de um “projeto científico” que embasariam a prática política.

Portanto, o texto do primeiro é muito mais voltado para refletir sobre uma via africana do socialismo, escrito de forma poética, para pensar o Estado federal negro-africano, e o segundo tem uma linguagem muito mais objetiva, na busca de soluções, com abordagem científica, para os problemas da criação de um estado federado.

Ambos apresentam uma solução federalista para o continente africano, assim como pensam o conceito de uma unidade “negro-africana” ou uma “África Negra” como bloco homogêneo. Apesar dessa convergência, os seus conceitos de “África Negra” e a forma de pensar sobre como a unidade política federal dos estados negro-africanos deveria se efetivar é muito divergente.

Cheikh Anta e Senghor possuem um olhar histórico e cultural para essa “África Negra”, muito embora preencham de significado esse conceito com uma análise histórica muito distinta, mostrando que o conceito de “África Negra” não pode ser visto de maneira unívoca. Tais diferenças também são o substrato para a forma com que olham para a nação, o nacionalismo e a construção do estado nacional. Essas questões serão analisadas nos tópicos abaixo.

### **Senghor: “simbiose” e a vontade de ser nação**

Para Senghor, a África Negra seria resultado do desenvolvimento histórico e cultural de uma “simbiose” entre diferentes civilizações: a negro-africana, a bérbere e posteriormente a europeia<sup>12</sup>. Conseqüentemente, a devida “unidade africana” não pode ser pensada sem essas “contribuições” de cada “matriz cultural”. Tendo essas três “civilizações” em vista, o autor defende que “o objetivo é uma simbiose dinâmica, quero dizer, uma mestiçagem cultural, que como toda mestiçagem produz um fruto novo e mais suculento”<sup>13</sup>.

Sobre o desenvolvimento histórico, Senghor, em síntese, apresenta que:

Somos, para sermos precisos, negro-africanos misturados com bérberes, nascidos em uma certa terra e sob um certo clima, com uma herança cultural original. Mas homens do século XX moldados, queiramos ou não, por uma civilização socializante, que está destinada a tornar-se planetária (...) é a realização da simbiose dos valores negro-africanos, mais exatamente negro-bérberes, com os valores europeus, porque é a Europa que proporciona os meios teóricos da civilização em formação.<sup>14</sup>

Esta “civilização socializante”, ou seja, a via africana do socialismo definida por Senghor, teria como alicerce um “tríplice inventário” que construiria o “nosso plano de desenvolvimento baseado em contribuições europeias, socialistas e no que houver de melhor na civilização negro-africana”<sup>15</sup>.

Com essa análise histórica em vista, o autor desenvolve e defende o conceito de uma “democracia federal” como sustentáculo da “unidade africana”. Por sua definição, a civilização negro-africana seria socialista e democrática na sua origem, de forma que a opção por uma forte democracia federal teria como objetivo a “preservação da diversidade” da mesma forma que “a diversidade enriquece a federação”<sup>16</sup>.

Com relação a sua leitura de democracia e diversidade, é possível ver que ela vem para assegurar a concepção de uma “África Negra” como resultado de uma mestiçagem das diferentes matrizes de civilizações que a compuseram ao longo da história. O autor defende, portanto, a tese do “colonialismo necessário”, ou seja, um “mal necessário”<sup>17</sup>, que arranja um “capítulo” do desenvolvimento histórico por que a África Negra tem que passar para se tornar mais diversa. Senghor argumenta que:

<sup>12</sup> Não cita a influência de Gilberto Freyre, muito embora seja possível inferi-la pelas influências intelectuais do autor apresentadas em outros escritos.

<sup>13</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. *Um caminho do socialismo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, 61.

<sup>14</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. *Um caminho do socialismo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, pp. 6-7.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 92.



Faremos este salutar esforço de reflexão e construção se, reestudando o colonialismo, conseguirmos situá-lo no processo histórico do mundo e da África. Deixemos de acusar o colonialismo e a Europa e de atribuir-lhe todos os males. Além de não ser inteiramente justo, é um tratamento negativo, revelando o nosso complexo de inferioridade, o próprio complexo que o colonizador nos inoculou e que nos fazemos, secretamente, cúmplices (...). Será mais positivo para nós e para o nosso povo analisar objetivamente o fato colonial.<sup>18</sup>

Devido a essa concepção, ele defende a integração dos “valores” da civilização europeia nos processos de independência, dando ênfase aos oriundos da “Civilização Francesa”. O autor tem como parâmetro a história da construção nacional francesa e evidencia o marco da Revolução Francesa para pensar as independências e o que ele mesmo denomina como “construção nacional”. Segundo Senghor, “a independência e a construção da nação exigem, principalmente e juntamente com autodeterminação, a liberdade de escolha”<sup>19</sup>.

Portanto, para esse intelectual, a nação é uma vontade consciente de construção sendo constituída por “pequenas pátrias”, ou seja, o substrato da nação são os diferentes grupos autóctones e tradicionais que povoam a sua “África Negra”: no Senegal, por exemplo, seriam os Serere, Wolof, Fula, Felupe, entre outros, que são enquadrados enquanto “pátrias” e que, conscientemente e voluntariamente, engajar-se-iam na nação, enquanto produto de uma construção democrática e diversa. Ele diz:

A pátria é a herança que nos foi transmitida pelos nossos antepassados: uma terra, um sangue, uma língua – pelo menos um dialeto – hábitos, costumes, um folclore, uma arte, em uma palavra, uma cultura enraizada em um território e expressa em uma raça.<sup>20</sup>

Por outro lado, para Senghor, a nação:

Congrega essas pequenas pátrias para transcendê-las. Ela não é, como a pátria, uma determinação natural, portanto expressão do meio, mas vontade de construção, melhor diria, de reconstrução de um arquétipo (...) é uma reestruturação à imagem de um modelo exemplar, fé na nacionalidade de todos os seus membros, deve transformar os indivíduos em pessoas, quer dizer, vontade consciente: almas (...) a nação nelas [as pátrias] se apoiará, ou mais precisamente, apoiar-se-á nas suas virtudes, no seu modo de ver as coisas, na sua força emocional.<sup>21</sup>

Senghor apresenta que a “nação é superior a pátria” e “destila seus valores”, e deixa bem claro que, no plano prático, a nação não pode ser construída sem o estado. Este é o meio

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>21</sup> *Ibidem*, pp. 20-1.

mais importante de construção da nação, ou seja, é o “estado que realiza a vontade da nação e assegura a sua permanência” assim como “mescla a pátria e aperfeiçoa o indivíduo”<sup>22</sup>.

Nas palavras de Senghor: “O Estado está para a Nação como o empreiteiro está para o arquiteto. Ele está representado pelas instituições: governo, parlamento, serviços públicos. Os funcionários são os operários.”<sup>23</sup>

### **Cheikh Anta Diop: unidade histórica africana e recriação da nação**

Cheikh Anta Diop inicia seu manifesto “África Negra: as bases econômicas e culturais para um estado federal” criticando os indivíduos que estão liderando os movimentos de independência e descolonização na África. Logo no primeiro parágrafo da introdução, diz que os ideólogos não foram bem-sucedidos em mobilizar a teoria revolucionária para conseguir avanços na África Negra<sup>24</sup>.

O autor segue em sua veia crítica dizendo que o Marxismo Dialético foi suposto como uma “arma” e um “fecundo” método científico que, de fato, não poderia ser aplicado a uma realidade que se ignora. Diz que:

For a long time many of our compatriots have thought they could get by without any deep knowledge of African Society and Africa in all aspects: history, languages, ethnicity (...) The conclusions they reached have often been abismally banal, when not plain or simply wrong<sup>25</sup>

De forma que Cheikh Anta propõe-se a apresentar “a realidade” a respeito das “origens e história do Mundo Negro”. Seu argumento tem como base sua tese de doutorado, defendida em Paris e aceita naquele mesmo ano, após a rejeição em sua primeira defesa.

O autor apresenta uma origem africana para o *homo sapiens* e argumenta que as primeiras civilizações do globo são as Nilóticas Sudanesas, conhecidas mais usualmente – termo cunhado pela egiptologia europeia – como “Civilização Egípcia”. Em termos gerais, o autor defende, a partir de várias demonstrações arqueológicas e evidências radiocarbônicas,

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>24</sup> “Muitos dos nossos compatriotas pensaram que poderiam conseguir sem um profundo conhecimento da sociedade africana e da África em todos seus aspectos: história, língua, etnicidade (...) as conclusões que eles conseguiram foram absolutamente banais, quando não rasas ou simplesmente erradas.” In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic e cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 1.

<sup>25</sup> DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic e cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 1.

um substrato cultural comum para a África Negra com base na cultura desenvolvida na região do Nilo e que teria sido difundida por todo o continente.

Para Cheikh Anta, essas evidências “restauram a consciência histórica” do “continente negro” e manifestam a “unidade histórica” de África. Essa restauração de consciência sobre a unidade africana é o que deve pautar, segundo o autor, as políticas das diferentes regiões colonizadas por diferentes países europeus. Defende a construção de um “Estado Africano Federado” que cubra todo o continente negro com base na unidade histórica, psicológica, econômica e geográfica<sup>26</sup>.

O conceito de nação remete, em sua visão, a uma história que é pré-colonial e deve ser entendido em seu desenvolvimento histórico. Sua tese é a de que há um substrato cultural único para o continente africano, chamado de “África Negra”, que vai se modificando ao longo da história e formando “civilizações continentais” tais como Gana, Nok-Ifé, Zimbábue, entre outras.

O autor desenvolve que o processo histórico muda de rumo com a chegada dos portugueses, nos séculos XV-XVI, que alteraram rotas de comércio por terra e por mar. Esse teria sido o início de uma série de modificações perpetradas pelos invasores europeus, fato que teria desconectado os estados autóctones e sua cultura.

Em Cheikh Anta, a concepção de nação remete a um processo histórico que explicita a partilha de uma cultura comum originária. Portanto, a nação se realiza enquanto unidade a partir de diversos elementos elencados pelo autor na primeira parte da obra. Esses elementos seriam: o povo, a língua (“unidade linguística”), fronteiras, uma missão histórica e a formação de um estado e um governo que siga seu “destino histórico” que é “federal”.

Para o autor, a nação é pensada em termos de uma continuidade histórica que é inspirada em um passado pré-colonial. Porém, ele enfatiza que a retomada da unidade da África Negra se dá em termos de uma reconstrução, portanto, não é igual ao passado, mas uma releitura moderna. Nesses termos, vê o colonialismo como um corte, uma ruptura, uma desestruturação da unidade africana, e é radical em seu anticolonialismo.

Por exemplo, quando trata da unidade linguística, argumento bastante controverso tendo em vista a diversidade de línguas e dialetos que habitam o continente africano, Cheikh Anta defende a necessidade da recriação da nossa unidade linguística que estava perdida com

---

<sup>26</sup> Referências aos tópicos trabalhados na “Part I: Historical Unity: The restoration of African Historical Consciousness”. In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic e cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987.

a ruptura cultural feita pelo colonialismo. Essa recriação deveria ser feita por meio de uma “escolha moderna” com base na consciência de que “linguistic unity dominates all national life. Without it, national cultural unity is but fragile and illusory”<sup>27</sup>.

Outro exemplo é a questão da formação do estado federal. Para ele “the idea of federation must actually constitute – for all of us especially those in high political positions – a method of survival”<sup>28</sup>. Cheikh Anta denuncia que outra opção que não seja o estado federativo desembocaria em uma “proliferation of little dictator-ridden countries without organic ties one to another, ephemeral, afflicted with chronic weakness, governed by terror with the help of outsized police forces, but under economic domination by foreign countries”<sup>29</sup>.

Na formação do estado federal, Cheikh Anta defende que a forma de governo deveria se dar a partir do “estudo do passado”. Apresenta como proposta o “bicameralismo” e destina todo seu capítulo seis para fundamentá-lo. Segundo sua tese, esse sistema remonta ao “tempo dos faraós”, quando o matriarcado vigorava e constituía um sistema político que as mulheres participavam nos espaços públicos lado a lado com os homens. Esclarece que “Women participated in running public affairs within the framework of a feminine assembly but having the same prerogative as the male assembly”<sup>30</sup>.

O autor defende que a África Negra já tem seu modelo de governo que é o bicameralismo pré-colonial, determinado pelo sexo, o que dá garantia de participação política de forma mais ampla. E que deve ser retomado como uma honra aos ancestrais, ou seja, deve-se fazer um reestabelecimento moderno, se aproximando das mulheres, retirando as exclusões femininas e estabelecendo uma representação feminina eficaz na nação.

### **A nação e a história: uma análise entre Senghor e Cheikh Anta**

Léopold Senghor e Cheikh Anta Diop constroem de formas distintas a visão a respeito da nação e pensam-na em seu âmbito performativo e pedagógico (Bhabha, 1998).

<sup>27</sup> “a unidade linguística domina toda a vida nacional. Sem isso, a unidade cultural da nação é frágil e ilusória”. In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic and cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 8.

<sup>28</sup> “a ideia de federação deve constituir – para todos nós, especialmente para aqueles que ocupam altos cargos políticos – um método de sobrevivência”. In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic and cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 15-16.

<sup>29</sup> “proliferação de pequenas ditaduras de países sem ligações orgânicas umas com as outras, efêmeras, aflitas com fraqueza crônica, governadas pelo terror e pela força policial descomunais, mas com dominação econômica de países estrangeiros.” In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic and cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 15.

<sup>30</sup> “Mulheres participavam de assuntos públicos sob a forma de uma Assembleia Feminina, que sentava separado, mas tinha as mesmas prerrogativas que as dos homens”. In: DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic and cultural basis for a federated state*. Westport (EUA): Lawrence Hill and company, 1987, 33.

Estabelecem de maneira diferenciada a origem histórica ou o preestabelecido – âmbito pedagógico – e pensam soluções práticas distintas para o espaço da diferença cultural, concebendo o povo como contemporaneidade – âmbito performativo.

Em uma análise dos dois intelectuais, a partir do que foi estabelecido em seus textos, pode-se pensar a nação como discurso inserido em uma trama histórica e propor um exercício de reflexão a respeito das influências a que os autores foram receptivos e de que maneira essas tradições estão presentes nas divergências entre os autores.

José Álvares Junco (2005), quando debate a nação e outros conceitos relacionados, apresenta, em termos gerais, três visões a respeito de como se construiu o conceito de nação em sua historicidade. Haveria uma visão “estatista”, que significaria o conceito de nação como uma construção conjunta à conformação do estado. Outra visão teria um enfoque “voluntarista” ou “subjetivo”, ligado à vontade de constituir uma comunidade política. Haveria também uma visão “primordialista”, que tenderia a ver a nação como comunidade cultural básica, ou seja, que possui uma unidade de cultura essencial que compartilha um passado histórico e conforma elementos como sua raça, língua e religião.

Pode-se colocar em paralelo à análise de Junco o que Anne-Marie Thiesse (2002) apresenta como “duas concepções antagônicas de nação”, que, apesar de entendidas correntemente como opostas, são vistas pela autora como cocriadoras da “construção das diversas nações”. A primeira seria resultante da Revolução Francesa e seria “racional e progressista” e a segunda seria relacionada ao Romantismo Alemão, de caráter reacionário, e teria como base a emoção. A autora diz que na primeira concepção haveria a livre vontade de adesão a uma política e na segunda haveria a submissão a um mecanismo organicista.

Discorrendo sobre essas linhas gerais a respeito de como a nação foi pensada em suas matrizes intelectuais, pode-se ver que Senghor aproxima-se muito de uma leitura estatista da nação, quando a pensa como construída e arquitetada articulada ao estado, e, ao mesmo tempo, possui um enfoque voluntarista, o que fica explícito por sua francofilia e por suas influências francesas, tais como Ernest Renan (1882), que pensa a nação como “plebiscito diário”.

Já Cheikh Anta vincula-se a uma visão primordialista da nação, pois a pensa a partir de uma origem comum, ou seja, uma comunidade cultural básica e orgânica que compartilha um passado remoto, de forma que a nação seria a expressão da continuidade original do “sangue” (negro) e do “solo” (África sub-saariana). Apesar de não fazer menção aos

nacionalistas alemães, seu discurso muito se assemelha a uma matriz romântica em alguns aspectos.

Essas divergências entre os autores são bem delineadas e parecem enquadrar-se bem nas diferentes tradições que preenchem de significado o conceito de nação, mas algumas nuances na análise dos argumentos de cada autor mostram que essas tradições se misturam – tal como mostrado por Thiesse (2002).

Senghor, com sua visão estatista e voluntarista, ao mesmo tempo é romântico quando pensa a nação a partir do critério da emoção e defende que a “emoção é negra, assim como a razão é helênica”. Essa característica “emocional” subjaz, para ele, na construção da nação e coloca-se de forma reacionária à racionalização da modernização. Essa frase que subjetiva o “negro” e a “negritude” pela emoção foi o cerne das críticas proferidas por Cheikh Anta, que defende uma racionalidade para a África Negra.

Já a visão de Cheikh Anta a respeito da nação é próxima de um enfoque primordialista da história, estando alinhado ao Romantismo quando pensa o significado da nação, muito embora também se aproxime de uma visão francesa ou voluntarista quando profere que a nação deve ser progressista no sentido de olhar para o futuro e incorporar em seu seio a modernização econômica, de forma racional e não emocional.

Ao mesmo tempo em que é progressista, modernizador e defensor de uma racionalidade no sentido supracitado, quando pensa no âmbito da diversidade, mais especificamente na questão étnica, Cheikh Anta se torna conservador. Defende que o enfoque das políticas culturais deva ser inspirado pela unidade cultural, ou seja, pelos traços culturais comuns que permanecem pela história e fomentam a unidade da África Negra.

Já Senghor valoriza explicitamente o âmbito da diversidade, defendendo que ela deva ser abarcada no seio da nação, visto que é formada por um processo de “simbiose” e “mestiçagem” entre diferentes culturas, ou seja, a nação é conformada por encontros culturais e que dão seu repertório para a construção de uma política democrática e federativa.

Para Senghor, essas “diferentes culturas” seriam as “pátrias”, termo pensado enquanto origem, muito alinhado com o que Fernando Catroga (2008) apresenta como “pátria loci” – a “terra dos pais” no sentido clássico – vincula com “forte carga afetiva, resultante da sobre-determinação sacro-familiar que o recobre, ancestralidade que tinha o seu ponto nodal

no culto dos túmulos”<sup>31</sup>. O que Senghor apresenta é próximo da descrição de Catroga a respeito do “cariz comunitarista” da pátria, ou seja, engloba “um sentimento de pertença inclusivo e com fronteiras traçadas pela inserção e filiação dos indivíduos nos grupos de tipo comunitarista, dado que estes envolviam tanto os vivos, como os mortos e os que hão de vir”<sup>32</sup>.

Apesar de definir a pátria por seu caráter de “pátria *loci*” e “comunitarista”, que tradicionalmente estaria vinculada às concepções de nação apresentadas como primordialistas – “explicações essencialistas, perenealistas, orgânicas e historicistas da gênese da nação”<sup>33</sup> – Senghor a articula com a concepção cívica da nação – voluntarismo e estatismo, inspirado em Renan – o que tradicionalmente estaria vinculado com a concepção jurídico-política da pátria – a “pátria *civitatis*”<sup>34</sup>.

Ambos movimentam um passado histórico de forma a instrumentalizar um “uso do passado”<sup>35</sup> para conformar a nação assim como operam a seleção de símbolos étnicos: Cheikh Anta utiliza-se dos símbolos provenientes de sua construção de uma origem civilizacional nilótico sudanesa e Senghor usa símbolos que remetem ao caráter miscigenado e simbiótico do que conformaria o “africano”. Por meios diferentes, ambos têm em vista um futuro autônomo para as suas construções de uma “África Negra”.

Em outro âmbito, a nação e o nacionalismo é pensado por ambos em um contexto de anticolonialismo, lutas pelas independências políticas africanas e projetos nacionais. Eles têm visões opostas a respeito do término do colonialismo e da luta anticolonial. Senghor é um conciliador e Cheikh Anta um radical anticolonialista.

Refletindo acerca dessas questões, é interessante perceber o que foi apontado por Cahen (2012) quando analisa os processos históricos vinculados à descolonização, à luta anticolonial e aos nacionalismos. Ele defende que o anticolonialismo e o nacionalismo em África não podem ser vistos como sinônimos e faz uma crítica a visões correntes a respeito das “libertações nacionais” em África e dos nacionalismos africanos.

Sobretudo, Cahen (2012) apresenta que a nação não pode ser pensada como sinônimo de estado e que as nações são resultado de um processo histórico que deve ser considerado a

---

<sup>31</sup> CATROGA, Fernando. Pátria e nação. In: CATROGA, Fernando. *A geografia dos afectos pátrios*. As reformas político-administrativas (sécs. XIX-XX). Coimbra: Almedina, 2013, p. 8.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>35</sup> HUTCHINSON, John. Ethnicity and modern nations. *Ethnic and Racial Studies*, Guildford, v. 23, n. 4, p. 651-669, dez. 2010.

partir dos tipos de colonização e da sociedade que a conformou, levando em consideração inclusive as elites que mobilizaram a luta anticolonial.

Pensando com o argumento central de Cahen (2012), que é a dissociação do vínculo entre o anticolonialismo e o nacionalismo em África, é possível ver que tanto em Senghor quanto em Cheikh Anta a nação e o nacionalismo não são sinônimos de anticolonialismo, ou seja, não são vinculados à luta anticolonial, apesar dos dois autores, ao seu modo, participarem dos movimentos pelo término da dominação colonial.

Senghor, um conciliador entre os interesses de uma África Ocidental francófona e de França, pensa a nação e o nacionalismo como uma conciliação – simbiose – e defende uma independência política sem descolonização no âmbito cultural. Ele pensa o colonialismo como uma etapa necessária para o desenvolvimento da África Ocidental – sobretudo a partir da ótica da colonização francesa – e protege em seu discurso a “sociedade colonial” e seus valores, ou seja, pretende conservar a maneira com que os colonizadores deram forma ao território (a AOF) e à sociedade.

Já Cheikh Anta pretende uma independência com descolonização radical, extirpando o sistema colonial e suas influências culturais por meio de uma “tomada de consciência histórica” dos africanos. Estes deveriam retomar sua cultura e seus valores “originários” em um âmbito moderno. Entretanto, para Cheikh Anta, o anticolonialismo também não é sinônimo de nacionalismo e de nação. Esta emergiria com a “tomada de consciência”, ou seja, seria apenas uma “retomada do passado” e não um resultado de uma união forjada pela experiência da luta contra o colonizador.

Tendo em vista o viés de análise deste estudo, pode-se notar que a partir da observação de diferentes casos que tratam de projetos de nação e que são pensados a partir de uma temporalidade e espacialidade específica, a África Ocidental Francesa, é evidente a vinculação entre a significação da nação e a construção da história, pensada enquanto uma narrativa que seleciona um passado, ou seja, faz um uso do passado, alternando memória e esquecimento, e coloca em pauta a verdade e o erro histórico, impulsionando férteis reflexões que envolvem a história e a construção da nação.

## Referências

### Livros

DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the Economic e Cultural Basis for a Federated State*. Westport (EUA): Lawrence Hill and Company, 1987.



SENGHOR, Léopold Sédar. *Um caminho do socialismo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

BALAKRISHNAN, Gopal. (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Tradução: Angela Melim. Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FOLTZ, William J. *From French West Africa to the Mali Federation*. New Haven: Yale University Press, 1965.

JUNCO, José Álvares. *El nombre de la cosa: debate sobre el término nacion y otros conceptos relacionados*. Madrid: Centro de Estudios Políticos e Constitucionales, 2005.

MARTIN, Nicolas. *Senghor et le monde: la politique internationale du Sénégal*. Paris: Afrique Biblio Club, 1979.

SMITH, Andrew W. M.; JEPPESEN, Chris (org). *Britain, France and the Decolonization of Africa: Future Imperfect?* London: UCL Press, 2017.

### Capítulos

CATROGA, Fernando. Pátria e nação. In CATROGA, Fernando. *A geografia dos afectos pátrios*. As reformas político-administrativas (sécs. XIX-XX). Coimbra: Almedina, 2013, 8.

TINE, Antoine. “Léopold Senghor et Cheikh Anta Diop face au panafricanisme: deux intellectuels, même combat mais conflit des idéologies?” In BAH, Thierno (org). *Intellectuels, nationalisme et idéal panafricain*. Perspective historique. Dakar: Codesria, 2005.

### Periódicos

HUTCHINSON, John. Ethnicity and modern nations. *Ethnic and Racial Studies*, Guildford, v. 23, n. 4, p. 651-669, dez. 2010.

CAHEN, Michel. Anticolonialism & nationalism: deconstructing synonymy, investigating historical processes: Notes on the Heterogeneity of Former African Colonial Portuguese Areas. *Sure Road? Nations and Nationalisms in Guinea, Angola and Mozambique*, Leyde, v. 26, n. 8, p. 1-30, abr. 2012.

DIALLO, Alfa O.; SANTOS, Cíntia. Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano. *Revista Ciência e Letras*, Porto Alegre, n.44, jul/dez. 2008, p. 115-124.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 9, n. 15, p. 7-23. 2001/2002.

### Site

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* Conferência realizada na Sorbonne em 11 de março de 1882. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf> (Acesso em 26 de fevereiro de 2018).